

## OBSERVANDO SÃO JORGE: OLHARES E IMAGENS

LEONOR SAMPAIO DA SILVA\*

### RESUMO

A presente comunicação procurará demonstrar como a identidade de uma população pode ser conhecida através das representações visuais do espaço e das gentes. Baseando-se no pensamento de Svetlana Alpers a propósito dos sentidos transmitidos pelos documentos visuais sobre diferentes modos não só de “ver” (John Berger), mas também de viver e de pensar, as imagens constituem, no presente estudo, o ponto de partida para uma análise cultural das representações através das quais o arquipélago dos Açores e a ilha de São Jorge, em particular, se mostram ao mundo.

Para o efeito pretendido, constitui-se como *corpus* as fotografias das ilhas dos Açores divulgadas através do Portal do Governo Regional dos Açores (a que se teve acesso em abril de 2013). A documentação visual foi completada com textos pertencentes à memória literária oral e erudita do arquipélago, com vista à comparação das mensagens transmitidas através dos dois modos de representação – o verbal e o visual.

**PALAVRAS-CHAVE:** representação visual, fotografia, cultura, Açores, ilha de São Jorge.

---

\* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores.

### 1. Culturas visuais e culturas verbais

A pertinência dos documentos visuais como emblema de uma identidade cultural está demonstrada nos estudos de Svetlana Alpers.<sup>1</sup> No entender desta historiadora de arte americana, as culturas podem ser agrupadas em dois tipos de expressão artística, a verbal e a visual. A Renascença italiana constitui o exemplo mais evidente da primeira, uma vez que a pintura é nessa cultura uma espécie de escrita que exige ser lida em profundidade até se chegar aos sentidos alegóricos ou filosóficos que ela acolhe. Já a pintura holandesa representa uma orientação diferente, característica de uma cultura predominantemente visual, ou seja, alimentada por um conjunto de processos e de valores que valorizam o ‘ver’ e o ‘mostrar’ em detrimento do ‘ler’ e do ‘narrar’. A Itália e a Holanda constituem, assim, dois casos emblemáticos das tendências contrastantes que podem ser encontradas no modo como as culturas refletem sobre o mundo e o representam. O principal contributo de Alpers nos anos oitenta foi ter demonstrado que existem casos em que um modo de vida e um sistema de valores se apresenta melhor e mais completamente sob a forma de documentos visuais do que verbais.

Da tese defendida por Alpers decorre o facto de existirem sociedades que se desenvolveram numa ligação mais profunda com a palavra e com a sequencialidade, enquanto outras se apoiaram mais em imagens e na simultaneidade. Independentemente do grau com que imagens e palavras são usadas para refletir uma vivência, a verdade é que os dois modos de representação do mundo, embora recorrendo a gramáticas diferentes, coexistem e constituem formas válidas de dar a conhecer valores e modos de vida. Apesar de, no passado, se ter notado melhor a separação entre eles, a globalização foi convertendo as culturas mais verbais ao poder da imagem e tornando-as familiarizadas com os métodos e as técnicas da representação visual. Outro aspeto digno de nota é que tem sido salientado o alcance visual da representação verbal,<sup>2</sup> desde logo devido ao elemento figurativo da escrita alfabética, ao qual se acrescenta o poder sugestivo das imagens literárias, cuja expressão mais vinculada – a linguagem ecfástica – consegue insinuar na mente dos leitores poderosas e vívidas recriações de cenários visuais.

É com base nestes pressupostos que procurámos, em primeiro lugar, compreender nas imagens institucionais do arquipélago dos Açores – região inserida numa cultura que é, no seu conjunto, mais “textual” do que “visual” – os traços da vivência insular com que se pretende mostrar as ilhas e, São Jorge, aos olhos do

---

1 Veja-se, por exemplo, o livro *The Art of Describing: Dutch Art in the Seventeenth Century*, Chicago: University of Chicago Press, 1983.

2 Veja-se, por exemplo, o trabalho desenvolvido por W. J. T. MITCHELL a este propósito em *Picture Theory*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

mundo; e, em segundo lugar, tentámos comparar estas imagens com representações verbais de São Jorge, tanto geradas internamente, no âmbito da tradição oral e popular, como vindas de fora e inseridas no registo erudito.

## 2. São Jorge em imagens visuais e verbais

Ao analisarmos o *corpus* fotográfico patente no Portal do Governo dos Açores em 2013, o primeiro aspeto merecedor de destaque consiste no facto de a apresentação inicial do arquipélago aos visitantes do Portal fazer uma correspondência de cada ilha a uma só imagem fotográfica. O primeiro contacto que o visitante tem com a realidade açoriana chega, por conseguinte, através de uma fotografia através da qual se procura sintetizar o que cada ilha possui de marcante no âmbito do todo regional. Não é, decerto, estranho a esta circunstância o facto de o meio usado ser o eletrónico, ambiente particularmente favorável à proliferação de imagens.

Ao analisarmos as fotografias, verificamos que três das nove ilhas aparecem representadas através de imagens de uma natureza totalmente destituída de indícios da presença humana. São elas Santa Maria (da qual se evidencia uma praia), a ilha das Flores (com as suas escarpas abruptas) e o Pico (associado ao mar e à prática da baleação). Perfilando-se no extremo desta tendência, encontramos a foto que representa São Miguel, uma imagem em que a natureza recua para conferir centralidade às portas da cidade de Ponta Delgada. As restantes ilhas são representadas por ambientes em que pontifica ora a paisagem humanizada, como é o caso dos povoados junto ao mar (o Faial, com a sua reputada marina, e o Corvo, com a minúscula povoação num extremo da terra), ora a importância das atividades económicas (a moagem de cereais associada ao moinho de vento assinala a ilha Graciosa, os laticínios indicam São Jorge) e dos costumes culturais (os festejos tradicionais envolvendo touradas representam a ilha Terceira).

Os principais conteúdos informativos que o visitante do Portal dos Açores recolhe do arquipélago focam, assim, vários dos principais indicadores da insularidade açoriana: São Miguel surge isolado numa representação do viver citadino que é, efetivamente, mais expressivo nesta ilha; as Flores simbolizam a beleza do ponto de vista da terra; a Terceira distingue-se pela expressão da cultura popular; Faial, Corvo, Santa Maria e Pico são lugares onde a vocação marítima adquire destaque; em São Jorge e na Graciosa evidencia-se o registo económico decorrente de atividades ligadas à agricultura e pecuária. Apenas São Jorge, porém, apresenta como elemento central na representação da sua identidade insular a figura humana. Nem a representação da cidade de Ponta Delgada, sobrepondo-se aos múltiplos locais de interesse paisagístico que podem ser visitados em São Miguel, valoriza esta presença, dado que as Portas da Cidade aparecem num enqua-

dramento que anula o elemento humano. Reencontramos esta presença na foto alusiva à ilha Terceira, mas num plano mais recuado comparativamente ao touro. Concluimos, portanto, que, pelo menos à primeira vista, o traço nuclear na representação de São Jorge é, nas imagens que os açorianos dão de si próprios através do seu órgão máximo de governação, o elemento humano, o qual se sobrepõe às contingências da insularidade, à beleza da paisagem e à representação generalista ou simbólica quer da cidade, quer do património cultural.

Dir-se-ia que, em São Jorge, são as pessoas que contam. No entanto, no plano de fundo, aparecendo em grande quantidade, o queijo figura numa abundância hiperbólica. Transportado pela figura humana central, partilha com esta uma posição de destaque ao nível visual. O movimento da mulher reforça a orientação do nosso olhar da esquerda para a direita, o que além de sugerir dinamismo e progresso (o ocidente escreve e lê da esquerda para a direita, e é também à direita que situa simbolicamente o futuro) conduz o observador a fixar a atenção no derradeiro elemento localizado à direita, o queijo. Este, por seu turno, vê a sua importância enfatizada pelo contraste entre o tamanho que o caracteriza e a pequena dimensão das mãos que o carregam. Portanto, a análise da imagem de São Jorge apenas aparentemente confere centralidade à figura humana, pois esta é apenas o meio para que o queijo se destaque na sua singularidade, sobre o pano de fundo da multiplicidade. A leitura desta imagem não fica completa sem se sublinhar a sugestão de riqueza decorrente desta estratégia, consistente, aliás, com a importância da indústria dos laticínios na economia da ilha.

A comprovar a mensagem da imagem de São Jorge no conjunto fotográfico geral do arquipélago, os testemunhos verbais populares reforçam o papel do queijo como elemento nuclear da vivência insular. Como exemplo, a quadra reproduzida abaixo manifesta uma linha interpretativa coincidente com a fotografia do Portal do Governo dos Açores:

Graciosa, mãe das uvas,  
Pico, Faial, dos damascos,  
A Terceira, a mãe das nêspas,  
São Jorge é o rei dos pastos.<sup>3</sup>

Além de se eleger a atividade económica ligada às pastagens e aos laticínios, é de salientar a superiorização de São Jorge relativamente às outras ilhas: as ou-

---

3 M. Viegas GUERREIRO, *A ilha de São Jorge: uma monografia. Textos etnográficos*, Lisboa, Colibri, 2012, p.146.

tras são mães, São Jorge é rei; as outras são femininas, São Jorge é masculino. Não é o género do topónimo que determina esta associação entre as ilhas e o seu caráter maternal ou régio, pois *pico* e *faial* são vocábulos masculinos e esta marca é apagada. Não obstante ter sido suprimida no caso do Pico e do Faial a ‘maternidade’ com que se faz referência às ilhas Terceira e Graciosa, esta marca está implícita na formulação do segundo verso, mesmo que isso levante dúvidas do ponto de vista da correção gramatical. Além de masculino, São Jorge reina. *Rei* é um termo que semanticamente expressa o expoente máximo do poder, tanto numa perspetiva política como económica e social. Pelo menos, no Grupo Central, São Jorge pretende ser reconhecido como ilha detentora de um poder que nenhuma outra consegue igualar.

Outro testemunho, desta feita vindo de fora, reforça a pertinência de se traduzir a especificidade jorgense em termos semelhantes aos encontrados na fotografia e na quadra popular. Quando Raul Brandão visita os Açores em 1924, o que mais o impressiona em São Jorge, «ilha trágica»,<sup>4</sup> é não só a pobreza extrema, mas a solidão e a escravatura que retiram dignidade à figura emblemática da ilha – o pastor. É dada extrema importância a esta figura em *As ilhas desconhecidas*, ao ponto de ela influenciar a visão que o escritor tem da ilha no seu todo. São Jorge é uma ilha funesta por causa daquela figura de «estanho»,<sup>5</sup> de «pedra»,<sup>6</sup> um «tronco»,<sup>7</sup> o «homem mais desgraçado dos Açores»,<sup>8</sup> «figura desamparada, isolada e triste»,<sup>9</sup> inexpressiva e indiferente a tudo, que vai entretendo a vida na mais extrema solidão.

As imagens fotográficas que encontramos no sítio da Direção Regional do Turismo oferecem-nos uma visão diferente daquela que Brandão perpetuou nas páginas sombrias que dedicou à ilha. Nas fotos institucionais de um organismo governamental dedicado à promoção turística da Região, desaparecem as pastagens, o pastor e os laticínios para em seu lugar se exhibir a paisagem e a cultura popular, com práticas festivas e atividades manuais. De novo regista-se uma representação dinâmica da população, através da fotografia que capta a ação de tecer e da imagem que regista as cores vibrantes dos festejos populares. Mas agora procura-se transmitir uma impressão de cosmopolitismo, através da vista aérea totalmente ocupada por um aglomerado denso de casas e à qual se impri-

---

4 Raul BRANDÃO, *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*, Ponta Delgada, Artes e Letras, 2009, p. 212.

5 *Idem, ibidem*, p. 214.

6 *Idem, ibidem*, p. 216.

7 *Idem, ibidem*, p. 214.

8 *Idem, ibidem*, p. 212.

9 *Idem, ibidem*, p. 213.

me dinamismo através das pequenas luzes da iluminação artificial. Recusa-se a memória de um passado carregado de solidão e pobreza para se mostrar uma comunidade vivendo em proximidade física, como nas cidades, desenvolvida, e decidida a conciliar o progresso com a preservação da paisagem e dos costumes tradicionais.

Já o sítio do SIARAM investe num registo mais estético. Há muitas paisagens sublinhando a insularidade e suas cores dominantes – o azul e o verde – além da tonalidade difusa dos nevoeiros insulares. Mas muitas outras fotografias a preto e branco transformam cenários e pormenores em material digno de se apresentar artisticamente. Uma foto como a das ruínas na Fajã do Belo (Figura 3) tem uma intenção estética e não informativa. O intuito de informar é mais completamente alcançado e realizado de forma realista através de uma fotografia a cores. Em contraste com esta intenção, o objetivo principal de uma imagem como as que encontramos no sítio do SIARAM não é dar informação sobre os lugares fotografados, mas apresentá-los como espaços possuidores de uma beleza feita de memórias e de visão. O modo como se olha para uma foto a preto e branco é diferente do modo como se observa uma fotografia a cores. Não só as manchas, as sombras e as distorções ganham numa imagem a preto e branco um valor estético como expressam uma afirmação de retorno às origens, a um tempo em que a imagem fotográfica não estava banalizada e as fotografias demoravam quase tanto tempo a acontecer quanto uma pintura demorava a ser feita – ou seja, a um passado em que a imagem fotográfica, por ser escassa e demorada, tinha o estatuto de preciosidade, de obra de arte.

Além da dignificação estética de lugares tocados pelo efeito de transitoriedade da vida, e por esta via imortalizados, o conteúdo das fotos revela outro traço distintivo da vivência insular, o sentimento religioso da população. No entanto, as imagens das igrejas e dos símbolos religiosos substituem, uma vez mais, a função informativa pela estética. Repare-se como quase não se fotografa o chão, ou sequer se revela preocupação em mostrar as fachadas, apontando-se, ao invés, a objetiva para o ar, assim se realçando o carácter espiritual do monumento e cumprindo-se a motivação artística de adequação entre forma e conteúdo.

Além da paisagem e da religiosidade, estas fotos também acentuam a monumentalidade do elemento natural em detrimento da presença humana. Mesmo nas imagens em que a paisagem é humanizada, contendo, portanto, edificações e vestígios da presença humana, esta presença é diminuta; a sua pequenez ressalta, quer do facto de se apresentar na sua singularidade, como se verifica numa imagem de uma casa isolada na Fajã dos Cubres, por exemplo, quer do facto de ocupar um território reduzido em face do predomínio do elemento natural à volta. A estreitíssima faixa de edificações entre as duas camadas mais largas de rocha e

de montanha ou o pequeno território humanizado entre a terra e a água na Fajã do Santo Cristo ilustram este propósito.

Noutros casos, a pequenez da presença humana é tornada ainda mais ínfima e delicada pelo facto de ser capturada do alto e ocupar uma ponta da ilha, como na fotografia da Fajã dos Cubres (Figura 1). O resultado oferece-nos expressões da subordinação e marginalidade do elemento humano no quadro geral da ilha e do mundo. Podemos entrever no registo estético destas imagens um regresso aos testemunhos do passado em que os olhares vindos de fora se impressionavam com a solidão e a pobreza da população desta ilha. Podemos também recordar, através destas fotografias, a ilha como um espaço em que tudo se conjuga para demonstrar ao elemento humano a sua real dimensão no mundo, sem lhe permitir alimentar ilusões de poder. Parece, aliás, ser esta a mensagem de uma fotografia a cores da Fajã da Praia do Norte (Figura 2). Mesmo do ponto mais alto que o ser humano edifica – que é o telhado – o que se avista são pontos ainda mais altos na natureza.

### 3. Conclusão

Os testemunhos escritos e as imagens fotográficas acima analisados fornecem-nos dados relevantes para uma análise cultural da ilha de São Jorge. Se é verdade que, nalguns aspetos, estes dois modos de representação transmitem uma mensagem coincidente, as diferenças que os separam não devem ser descuradas. A principal semelhança reside no facto de o pasto constituir a imagem icónica da ilha, seja através da figura humana que o povoa (o pastor), seja por intermédio dos efeitos que ele surte na economia regional, por via do produção do afamado queijo de São Jorge.

Sem pretender aligeirar o interesse de tal convergência de leituras, a qual importa sobretudo como prova da capacidade que tanto as palavras como as imagens têm de identificar e representar o traço distintivo de uma cultura, afigura-se particularmente fecundo aprofundar os matizes das diferenças encontradas nas diversas representações da ilha. Se, através dos olhos e das palavras da população local, somos levados a perceber a riqueza e o estatuto daquele espaço resultantes da pecuária, o olhar brandoniano, vindo de fora, recolhe do mesmo cenário indícios de miséria física e espiritual. Esta diferença poderá ser influenciada pelo *capital cultural* (no sentido dado por Pierre Bourdieu) do visitante. Não só ele se distancia da expressão popular, fortemente arreigada à religião e ao trabalho manual, que caracteriza a população visitada, como, enquanto representante da cultura erudita, Raul Brandão se insere numa linha de pensamento propício à fermentação do ceticismo e de tensões várias, entre as quais assume particular relevo a tensão religiosa.



Além das diferenças causadas pelas experiências e sensibilidades que separam o registo popular e o erudito, outros contrastes radicam na intenção subjacente à representação. Quando o objetivo é fornecer informação enquadrável na função vocativa – cujo traço nuclear é a persuasão – deparamo-nos com a tendência de apresentar a realidade insular através do que de melhor São Jorge tem para oferecer: a beleza da paisagem, o desenvolvimento da comunidade, a vivacidade das práticas festivas e das tradições. É, porém, na fotografia com ambições estéticas que melhor se representa a beleza singular da ilha na sua relação com o passado e com uma leitura ontológica da vida. Estão patentes nessas imagens a dureza das condições de existência a par da monumentalidade da natureza, o espírito religioso na sua relação com a consciência de pequenez, a fragilidade da condição insular que não dispensa a contemplação do infinito.

Pode-se concluir, com um grau razoável de segurança, que o nosso conhecimento da ilha de São Jorge sai enriquecido por via da complementaridade proporcionada pelos dois modos de representação, que evidenciam, no seu conjunto, uma realidade cultural que procura harmonizar o legado natural e as tradições populares com as expressões inevitáveis da cultura contemporânea, dividida entre a urbanidade do consumo e a introspeção do fruir estético.



**Figura 1 – Fajã dos Cubres (SIARAM)**



**Figura 2 – Praia do Norte (SIARAM)**



## BIBLIOGRAFIA

- ALPERS, Svetlana, *The Art of Describing: Dutch Art in the Seventeenth Century*, Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- BARTHES, Roland (2010), *Câmara Clara* (trad. de Manuela Torres), Lisboa: Edições 70.
- BERGER, John, *Modos de ver*, Lisboa: Edições 70, 1987.
- BRANDÃO, Raul, *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*, Ponta Delgada, Artes e Letras, 2009.
- EVANS, Jessica, HALL, Stuart, ed., *Visual Culture: the reader*, London, Sage Publications, 2005.
- GUERREIRO, M. Viegas, *A ilha de São Jorge: uma monografia. Textos etnográficos*, Lisboa, Colibri, 2012.
- HALL, Stuart, ed. (2003), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, London: Sage Publications, The Open University [1997].
- MITCHELL, W. J. T., *Iconology: image, text, ideology*, Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- MITCHELL, W. J. T., *Picture Theory*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

## LINKS

<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/menus/topocima/azores/?lang=pt&area=ct>

<http://www.azores.gov.pt/ext/drt-pa/ilha.aspx?id=6>

<http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/fajas-dos-Acores/Faja-do-Belo-SJ/galeria/1.html>

<http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/fajas-dos-Acores/Faja-dos-Cubres-SJ/galeria/6.html>,

<http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/fajas-dos-Acores/Faja-dos-Vimes-SJ/galeria/2.html>

<http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/fajas-dos-Acores/Faja-dos-Cubres-SJ/galeria/3.html>,

<http://siaram.azores.gov.pt/vegetacao/zonas-humidas/s-jorge-lagoa-faja-cubres/1.html>

<http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/fajas-dos-Acores/Faja-Praia-Norte-Faial/galeria/6.html>